

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
CURSO: LETRAS PORTUGUÊS  
DISCIPLINA: TCC

CRUZ, Adriana Oliveira Santos (aluna)  
[pilitosacruz@hotmail.com](mailto:pilitosacruz@hotmail.com)

SILVA, Valéria Rocha (aluna)  
[akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

OLIVEIRA, Jeusinete Paula de (orientadora)  
Graduada em Letras Português Inglês, Especialista em Crítica Literária, Profª. Do Curso  
de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT  
e-mail: [jpdo@infonet.com.br](mailto:jpdo@infonet.com.br)

CAPITU. TRAIÇÃO OU ILUSÃO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO LITERÁRIA  
DOM CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS. TRANSIÇÃO ENTRE  
REALISMO E NATURALISMO

## RESUMO

Analisando a obra de Machado de Assis, intitulada Dom Casmurro, publicada no Rio de Janeiro em 1900, que se dá em torno do entrecho: Bentinho e Capitu, personagens centrais, defrontamo-nos com um dilema gerador de muitos conflitos que transpassam séculos. A torrente paixão vivida pelo casal anteriormente contemplado acaba por fazer emergir o ciúme doentio do personagem Bentinho, o que gera no mesmo um sentimento de posse que suscita a desconfiança, que o leva a acreditar na traição de Capitu com seu melhor amigo, Escobar. Traição essa, jamais comprovada verdadeiramente, situação vivida por muitos casais até os dias de hoje. Dom Casmurro é um livro complexo e cada leitura origina uma nova interpretação. Machado de Assis traz na obra em estudo, um fato muito interessante que é a criação de um narrador que faz afirmações sobre algo, fazendo com que o leitor não se decida se o mesmo está ou não mentindo. Digamos que seja uma narrativa que abre espaço para complementações, cabendo ao leitor, esclarecer a incerteza, se houve ou não adultério. Fazendo uma análise de todas as provas e contraprovas apresentadas, o leitor desta obra poderá opinar em favor do adultério ou contra ele, ou ainda permanecer na infinita e incessante dúvida, fundada na trilogia do romance: Teria sido Capitu, culpada de adultério?

**PALAVRA CHAVE:** Paixão, Ciúme, Desconfiança, Adultério, Dúvida.

# CAPITU, TRAIÇÃO OU ILUSÃO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DOM CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS. TRANSIÇÃO ENTRE REALISMO E NATURALISMO

## INTRODUÇÃO

### BIOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS

Este artigo vem mostrar a importância de Machado de Assis e suas obras, entre elas Dom Casmurro, não só para o realismo como para a Literatura. Machado de Assis construiu uma obra solitária, ainda insuperável em seu conjunto, e acima das correntes literárias de seu tempo. Segundo Manuel Bandeira, “nenhum escritor o sobrepuja na harmonia de todas as qualidades, que faz dele nosso clássico por excelência”. Para Alfredo Bosi, “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis”.

Joaquim. Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e passou a infância e a adolescência no morro do Livramento. Cedo perdeu a mãe e ficou sob os cuidados da madrastra, Maria Inês. Fez os estudos primários em uma escola pública do bairro de São Cristóvão e foi aluno do Padre Silveira Sarmiento, que o contratou como sacristão. Interessou-se então pelo estudo de línguas e aprendeu francês, inglês e alemão.

Machado de Assis criou uma obra equilibrada que inclui romances, contos, crônicas, ensaios, poesia e teatro. Mas foi no romance e no conto que se realizou plenamente como escritor. No conto, Machado de Assis produziu algumas obras primas. Já nos primeiros romances, ele deixa entrever as qualidades de grande prosador. Mas, é, sobretudo na trilogia *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Barba* (1891) e *Dom Casmurro* (1900) que apareceu sua genialidade. Este último é um dos livros da literatura brasileira mais traduzido para outros idiomas. Foi considerado o Otelo brasileiro pela crítica de Helen Caldwell, que escreveu um livro sobre a existência do adultério de Capitu, não havendo nenhuma cena que comprove o mesmo, permanecendo apenas as suspeitas.

Construído em flash-back, o protagonista masculino (Dom Casmurro), já cinquentão e , solitário, tenta “atar as duas pontas da vida”(infância e velhice), contando a história de

sua vida ao lado de Capitu, a qual acaba tomando conta do romance, dada a sua força e o seu mistério.

Como observamos no início, Dom Casmurro se enquadra na segunda fase machadiana, na qual sobressaem traços do estilo realista.

Embora adote a primeira pessoa como teórica narrativa, o narrador de Dom Casmurro se coloca à distância: no extremo da vida, o protagonista masculino reconstitui o seu passado, assumindo assim um ângulo de visão marcado pela objetividade. Ainda que seja personagem da estória e um dos principais, o narrador coloca-se fora e ausente enquanto narra e reconstitui fatos.

A temática em rigor do tema abordado por Machado de Assis não é o adultério e sim o ciúme, tão doentio que atinge uma deformação patológica. Capitu é considerada adúltera na ótica de Bentinho que se apresenta como vítima, por isso o romance é uma verdadeira acusação. O ciúme do Dr. Bento Santiago é tão forte que ele não consegue manter o controle emocional (na morte de Escobar, Bentinho não consegue ler as palavras de despedidas por causa do ódio ao morto e a Capitu). A polêmica do romance, Capitu é ou não é adúltera, está concentrada no foco narrativo de primeira pessoa, pois Bentinho é o personagem que narra sua própria história. Dúvidas existirão sobre a culpabilidade Capitulina uma vez que o narrador não é confiável. A criação mimada, excessivamente protetora que teve, transformou-o num homem inseguro, de personalidade fraca, por isso Bento pode estar distorcendo os fatos.

De acordo com os fatos narrados, o romance apresenta duas fases distintas que correspondem a momentos básicos na vida dos personagens. A primeira fase é o período da adolescência (1857) – Capitu com 14 anos e Betinho com 15 anos – representa a fase mais poética. Aqui Capitu se mostra uma pessoa determinada, tomando toda iniciativa do jogo amoroso (“Como se vê, Capitu aos catorze anos, já tinha idéias atrevidas”). A segunda fase corresponde ao período que começa com o casamento entre Betinho e Capitu (1865). É uma fase mais realista e amargurada, cheia de conflitos gerados pela incompatibilidade de gênios. Bento desempenha o papel de homem patriarca, assume o comando do relacionamento afetivo, o que o fez caminhar para sua auto-destruição.

Sob o prisma de como é contada a história, Capitu parece mesmo adúltera. Mas há lugar para muitas dúvidas. Afinal, em “Dom Casmurro” só se ouve uma voz, a de Betinho, que nos dá a sua versão dos fatos, e, além disso, muitos anos depois de tudo acontecido.

Dom Casmurro, considerado uma obra-prima, talvez pelo trabalho formal, evidencia um enigma que encanta o leitor no desejo de buscar uma resposta sempre inapreensível. Apesar dos textos literários serem inesgotáveis fontes de considerações e leituras, e de muito já ter sido dito acerca de Dom Casmurro, a percepção do enigma é um tanto recente. Até meados do século XX, um dos encantos do livro consistia na observação sempre fina e irônica do drama de um homem.

Livro cuja importância é fruto da maturidade, visto que Machado tinha acima de sessenta de anos quando publicou o romance. Suas interpretações nessa história de amor, ciúme e ódio revelam um movimento que envolve a recepção de uma mulher composta na sociedade brasileira desde o final do século XX até hoje.

O romance nos leva a perceber o quão importantes, para as diversas interpretações dos mais variados leitores, são os valores e desejos, ideológicos e culturais, peças também fundamentais para a compreensão dos movimentos críticos em geral o que predomina nas leituras é uma visão da mulher cujos valores emanam do discurso elaborado por um narrador que pertence a uma condição histórico-cultural bastante definida e que poderia ser facilmente perceptível para um leitor que compartilhasse de suas fontes.

Para o leitor, os dois capítulos com o mesmo título podem ser vistos complementares, tratando de dois homens tomados pelo desejo em uma única mulher. E dentro desse desejo vem um sentimento chamado ciúme, cujo significado é posto como um sentimento “doloroso” que nasce do desejo de posse da pessoa amada, da suspeita ou certeza da infidelidade ou da exigência de um amor inquieto. É um sentimento que traz em si, uma soma de outros sentimentos como, por exemplo, o medo de perder, a inveja, a desconfiança e o ressentimento.

Freud, pai da psicologia, considera o ciúme como “um daqueles estados emocionais” semelhante ao luto, descrevendo-o como sentimento causado pela perda do objeto, de ferida de amor próprio e de menor quantidade de auto-crítica: na medida em que o ciumento se responsabiliza pela perda do objeto amado.

O ciúme como um sentimento ligado às paixões, aos relacionamentos amorosos, onde a satisfação e o desejo do sexo e a busca do amor estejam presentes. Pretende que o elucidamento de questões que envolvem o ciúme possam oferecer reflexões e fundamentações teóricas com demandas de sujeitos que apresentam este sentimento que os colocam em situações de vida muito vulneráveis.

Não é simples falar de amor. Não somente por que ele não existe por si, mas também porque podemos verificar que cada época da história teve seu discurso sobre o amor.

Há muito tempo, filósofos, poetas, trovadores, romancistas, sociólogos, psicólogos, antropólogos, enfim, centenas de pessoas vêm tentando definir o mais presente e determinante dos sentimentos humanos. Na verdade, aquilo que hoje chamamos de “amor romântico” recebeu os primeiros tons de importância apenas no século XI, no sul da França.

Na vida real, o ciúme é um dos temas que surge com frequência nas conversas com amigos, nas sessões de terapia. É natural sentir ciúme, é como sentir “dor ou fome”. O ciumento sofre 7 vezes: porque é ciumento, porque se reprova de si, porque teme que seu ciúme machuque o outro, porque se deixa dominar por uma banalidade, sofre por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum. Foi o que aconteceu com Bentinho, com seu louco e doentio ciúme. O ciúme provoca sofrimento ao outro, e mesmo assim o sofrimento do ciúme corrói por dentro, sabe-se uma coisa e sente-se outra, totalmente diferente. O racional briga com o emocional, a vida a dois pode ficar insuportável. E é claro que o ideal é o equilíbrio, é conversar, é ventilar as idéias, falar, ouvir ou, simplesmente conseguir ser ouvido.

E por que o ciúme pode magoar tanto? Porque pressupõe que o outro não é confiável: “Se eu não vigiar, ele vai me trair”.

Por outro lado, estudiosos do assunto dizem que uma dose de ciúme além de ser normal, pode até ser “bom”, podendo ser estimulante para o relacionamento. Como alguns consideram que o ciúme pode até dar “tempero”, há de se ter cuidado para o “tempero” não ficar desagradável. Medidas excessivas resultam em brigas, término de relacionamentos e, em alguns casos, violência.

Drummond afirma em seu poema *Destruição*: “Os amantes se amam cruelmente e por se amarem tanto não se vêem”. Um se beija no outro refletido. Dois amantes, que são? Dois inimigos.

Os mitos apontam para os anseios humanos, podemos observar na peça em prosa: *A disputa de LOUCURA E AMOR*, da qual levemos o argumento:

"Júpiter promovia um grande banquete, para o qual, ordenou a presença de todos os deuses. AMOR e LOUCURA chegaram no mesmo instante à porta do palácio, a qual já estava fechada. LOUCURA, vendo o AMOR já prestes a colocar um pé lá dentro avança e ultrapassa. Ao ver-se empurrado, AMOR se enfurece. LOUCURA insiste em que lhe cabe chegar na frente. Eles brigaram sobre seus poderes, dignidades e precedências. AMOR não podendo vencê-la com palavras, leva a mão ao seu arco e lhe dispara uma flecha, mas em vão: pois LOUCURA logo se faz invisível e, querendo vingar-se cega os olhos de AMOR. E para cobrir o lugar onde eles estavam, coloca-lhe de tal forma uma venda que se torna impossível retirá-la. Vênus (mãe de AMOR), queixa-se da LOUCURA, e Júpiter quer ouvir os argumentos de ambos. Apoio e Mercúrio (os advogados respectivos) debatem o direito de uma e de outra parte. Júpiter, após tê-las escutado longamente, pede opinião dos deuses. Depois pronuncia a sua sentença. “O que aconteceu foi que Júpiter, ao perceber que a quere-la dos dois era tão amiga quanto complexa, adiou seu veredicto para daqui a “três vezes, sete vezes, nove séculos” (LABÉ, 1995, P. 260)."

O ciúme de Bentinho correspondente à inveja, tantas vezes mencionada na sua narrativa, reconstitui os fatos. O ciumento busca conferir ao mundo um sentido e, na falta dele, ele mesmo o constrói, imaginando informações que podem preencher as lacunas que pontilham o seu discurso. Afinal, o ciúme de Bentinho, como o de qualquer outra pessoa, está ligado à necessidade de saber e controlar.

Um exemplo disso, é o episódio em que Bentinho, não acreditando mais se livrar do seminário, pede para ser o confessor de Capitu:

“A primeira é que só se há de confessar comigo, para eu lhe dar a penitência e a absolvição.” (p.858).

De fato, anos após, Capitu, já como sua esposa, não se confessará com ele que, de qualquer modo, lhe dará a penitência e jamais a absolvição. Todas as atitudes de Capitu estão voltadas para a concretização de seu desejo de casar-se com seu vizinho rico, por quem parece ter bastante afeto, constituindo uma relação de aparente reciprocidade.

Capitu é o avesso social e econômico de Bentinho. De origem pobre, busca a ascensão à custa do casamento, por isso, não mede esforços para vencer os obstáculos. O casamento com Bentinho era o seu projeto de vida, e para isso, ela enfrenta os preconceitos e as desigualdades financeiras. Ela se sentia feliz quando passeava pelas ruas de braços dados com Bentinho, com o intuito de que a sociedade visse que aquela menina pobre estava casada com um homem rico. O pai de Capitu, Sr.Pádua, sabia que a filha de quatorze anos; namorava Bentinho, entretanto, era conivente.

Citamos um fato muito interessante que aconteceu com Antônio Olyntho, filósofo, autor, poeta, quando recebeu um telefonema de um amigo William Grossman, professor na Universidade de Nova York, convidando-o para estar presente a uma aula sua, informando-o que se tratava de algo inédito. O professor Grossman, o qual especializara-se no escritor Machado de Assis, sendo um machadiano completo. Ele iria promover o julgamento de Capitu. Todos os seus alunos leram o romance e iriam formar um grupo de jurados, com promotores e advogados de defesa. Iriam julgar Capitu. E queria que Antônio Olyntho assistisse ao julgamento.

Tal julgamento durou uma hora. Falaram dois promotores, sendo um aluno e uma aluna. Também um aluno e uma aluna fizeram a defesa de Capitu. E por surpresa, qual foi o resultado? Capitu foi absolvida. O argumento da defesa foi de que não há no romance nenhuma palavra a favor da traição, que seja atribuída ao autor, a Machado, ao passo que só o personagem, o próprio Bentinho, tem a certeza de que foi traído. É uma delicadeza da narrativa. O autor sai da história como quem diz: “Vocês, leitores, que julguem, eu não sei se ela traiu Bentinho”. A defesa argumentou que a semelhança do menino com Escobar não é argumento final. Há semelhanças que são coincidências. Mesmo porque, os traços do rosto do menino não são tantos assim. Os julgadores da Universidade nova-iorquina acharam que tanto um como o outro poderia estar certo e que, na dúvida, “pro reo”.

Como pode-se notar, Dom Casmurro atingiu praticamente o mundo inteiro. Sendo apresentado no romance, um dos sentimentos básicos, naturais, inseguros, angustiantes, enfim... que possa existir na raça humana: o ciúme. Sempre encontra-se o ciúme, no fundo de qualquer coisa.

Numa cena dramática de Dom Casmurro, Bentinho responde ao menino que dizia “meu pai, meu pai” com a frase: “Eu não sou seu pai” e, na mesma noite, vai ao teatro onde se representava justamente "Otelo", de Shakespeare.

O romance Dom Casmurro vem, na realidade, a ser um elemento de enorme importância no avanço de um conhecimento maior, que passamos a ter, do escritor que representa por inteiro a literatura do País.

## CONSIDERAÇÕES

Entre os tipos machadianos, sempre estranhos e contraditórios, alguns há de notável estrutura e precisão literária, como é o caso de Capitu. Não se sabe ao certo se houve ou não adultério por parte de Capitu e Escobar, já que o personagem/narrador apresenta, no decorrer da narrativa, vários indícios, provas e até contraprovas. Os leitores podem até pender para o lado de um (Bentinho) ou para o de outra (Capitu), entretanto a dúvida sobre o adultério permanece. Machado de Assis, talvez com a intenção de entregar ao leitor este difícil julgamento, foi brilhante ao estruturar sua obra com a apresentação tanto de provas quanto de contraprovas.

Primeiramente, atenta-se para escolha de uma narrativa em primeira pessoa e, portanto, do personagem/narrador, o marido atormentado pela dúvida. Tudo o que se sabe é através de Bentinho, que narra os fatos; além da limitação, pois o leitor é informado apenas sobre o que o narrador conhece ou presencia, há também a possibilidade de bentinho passar a sua visão das coisas, movido pelos ciúmes e pela imaginação. Desse modo, não se sabe o que é verdadeiramente concreto, real, dentro do romance; ou o que seja imaginado por Bentinho; dedução sua na observação dos fatos. Ele mesmo afirma “*A imaginação foi a companheira de toda a minha existência...*”.

O ciúme generalizado de Bentinho por Capitu toma espaço na narrativa, permitindo-se concluir que Dom Casmurro foi precipitado ao deduzir que Capitu amava Escobar. Desde o início, fica claro o ciúme: “*Diante dessa fagulha, que bem podia ser uma maldade do agregado ou pura provocação, Bentinho se vê possuído de “um sentimento cruel e desconhecido”, o puro ciúme*”. Ou ainda quando conversando com Capitu na janela, um jovem passa e olha para ela, que retribui o olhar. Já casados, o ciúme continua presente; Bentinho tem ciúme do mar, quando Capitu permanece com o olhar perdido no mar: “*Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela*”.

Assim nada é esclarecido sobre o possível adultério, e o próprio Bentinho afirma: “*Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros*”. Ele ainda atenta para que o leitor considere a sua “fraca memória”; confessando não ter boa memória e por esse motivo

diz que “*nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omisso*”. Ou seja, uma narrativa que apresenta falhas, lacunas a serem preenchidas pelo leitor.

Portanto aos leitores é permitido acreditar na inocência de Capitu quanto à afirmação de Bentinho que a mesma o traía, como também ser solidário à dor deste homem que depositou todo o seu amor em uma mulher dissimulada.

Até agora nós não lemos uma obra que nos desse essa possibilidade, de tomarmos partido, de decidirmos em quem acreditar ou não. Segundo pudemos comprovar nas diversas passagens deste artigo científico, vários depoimentos foram dados por estudiosos desta obra; um deles Roberto Melo Mesquita<sup>1</sup>.

Machado de Assis é um dos poucos autores cuja leitura, seja de que livro for, está longe de ser um favor. É um verdadeiro prazer. Realista, mestre no romance psicológico, esmerado observador das angústias e dilemas vivenciados pelo ser humano, Machado é cultuado não apenas no Brasil, mas em diversas partes do mundo (para constatar de forma simples, basta fazer uma pequena pesquisa na Internet e descobrir inúmeras páginas de outros países que cuidam de sua obra). Não cansa de repercutir entre seus leitores o estilo sóbrio, reflexivo, bem-humorado e... (encerro por aqui os elogios, já desnecessários e supérfluos).

De qualquer modo, existem pelo menos três romances de Machado de Assis que podem ser considerados leitura obrigatória; são eles: “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba”. Em cada um deles, são facilmente encontradas passagens que compõem a própria história da literatura.

---

<sup>1</sup> Roberto Melo Mesquita – “A questão do adultério” - Língua Portuguesa e Literatura. Ed, Saraiva, 1ª edição, 1994, p. 335.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Ed. Ática. Coleção Bom Livro. Edição 39. Ano 2000. Rio de Janeiro, 1900.

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.

MEYER, Augusto. “O Homem Subterrâneo”. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Livraria. São José, 1958.

“MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. “Machado de Assis”. In: *Prosa de Ficção*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. “*Machado de Assis*”. Estudo Crítico e Biográfico. Ed., Brasiliense. 5ª ed. Vol. 73. Rio de Janeiro.

### *Complementar*

ANDRADE, Mário de. “Machado de Assis”. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo, Martins, s/d.

GLEDSON, John. “Casa Velha”. In: *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: Impostura e Realismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

SANTIAGO, Silviano. “Retórica da Verossimilhança”. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

### *Internet*

[www.olharliterario.hpg.ig.com.br](http://www.olharliterario.hpg.ig.com.br)

[www.canaldolivro.com.br](http://www.canaldolivro.com.br)

[www.portrasmalasletras.com.br](http://www.portrasmalasletras.com.br)